

A TEMATIZAÇÃO DOS ESPORTES COMO ELEMENTO EDUCATIVO: ENFRENTANDO AS DESIGUALDADES SOCIAIS ATRAVÉS DO CORPO EM MOVIMENTO

Gabriel Magalhães Rodrigues Coelho ¹

RESUMO

Este artigo consiste em um estudo de caso das atividades pedagógicas esportivas desenvolvidas ao longo do ano de dois mil e vinte e quatro na Fundação Gol de Letra, localizada no bairro do Caju – Rio de Janeiro/RJ. O esporte tem uma história ligada diretamente com expressões militaristas e higienistas, que por décadas utilizaram suas práticas para a manutenção dos padrões vigentes. A Fundação Gol de Letra desenvolve aulas, festivais e jogos integrativos que utilizam os esportes como tematizações fundamentais para as mitigações das desigualdades sociais, com o objetivo de promover práticas plurais que respeitam as diferenças. O estudo de caso buscou analisar como o esporte foi desenvolvido como elemento transformador, através das lentes da Educação Física Cultural (Neira, 2016-2023). A bibliografia utilizada ajudou a perceber as tematizações dos esportes focalizando em perspectivas contra-hegemônicas e decoloniais. No caso dos esportes as padronizações dos corpos, as questões de gêneros e raça foram elementos importantes na pesquisa. O resultado do estudo demonstrou que os esportes tematizados durante o ano de dois mil e vinte e quatro nas oficinas da Fundação Gol de Letra proporcionaram práticas contra-hegemônicas, através do corpo em movimento, para mais de duas mil crianças e adolescentes. Essas aulas possibilitaram outras visões de mundo para os participantes do projeto, ampliando as possibilidades e vivências que confrontam os padrões normativos dos corpos e da sociedade.

Palavras-chave: Esportes, Desigualdades, Corpos, Educação Física.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta um estudo de caso sobre as atividades pedagógicas esportivas desenvolvidas ao longo do ano de 2024 pela Fundação Gol de Letra, localizada no bairro do Caju, na cidade do Rio de Janeiro (RJ). Os programas de atividades esportivas da instituição atendem cerca de dois mil alunos semanalmente. A pesquisa busca compreender de que forma o esporte, quando orientado por princípios educativos e sociais, pode contribuir para a formação cidadã e para a redução das desigualdades em contextos marcados por vulnerabilidade social.

Historicamente, o esporte esteve intrinsecamente ligado a práticas e discursos de caráter militarista e higienista, sendo utilizado como ferramenta de controle social e de padronização de corpos e comportamentos. Durante décadas, tais concepções sustentaram

¹ Mestre em educação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, faculdade de formação de professores – UERJ/FFP na linha de políticas e desigualdades sociais, gabrielmrc@hotmail.com.



modelos de formação física voltados à disciplina, à obediência e à manutenção das estruturas sociais dominantes. A partir da segunda metade do século XX, contudo, novas abordagens pedagógicas passaram a questionar essa visão tradicional, reconhecendo o potencial do esporte como espaço de convivência, construção coletiva de valores e promoção da cidadania.

Nesse cenário, a Fundação Gol de Letra destaca-se por desenvolver um trabalho que ressignifica o papel do esporte no âmbito educacional e social. Por meio de aulas, festivais e jogos integrativos, a instituição propõe práticas esportivas que ultrapassam a lógica da competição, valorizando o diálogo, a cooperação e o respeito às diferenças. As atividades são organizadas a partir de uma perspectiva plural e inclusiva, que busca ampliar o acesso à cultura esportiva e contribuir para o desenvolvimento integral de crianças e jovens em situação de vulnerabilidade.

Assim, este estudo pretende analisar de que maneira as ações pedagógicas esportivas promovidas pela Fundação Gol de Letra se configuram como estratégias de mitigação das desigualdades sociais e de fortalecimento das relações comunitárias. Ao refletir sobre essa experiência, o artigo também procura contribuir para o debate acerca do papel do esporte como ferramenta de transformação social e educativa no contexto contemporâneo.

Entre os múltiplos desafios que atravessam a educação brasileira, este trabalho destaca a contribuição da Educação Física — especialmente por meio do conteúdo “esporte” — como campo fértil para a promoção de práticas inclusivas e críticas. Nesse sentido, o estudo adota como referência o conceito de *tematizações do esporte* sob a ótica da Educação Física cultural (Neira, 2016, 2018; Nunes & Neira, 2017), que propõe a valorização das diferenças e diversidades como princípio pedagógico fundamental.

A relevância deste estudo decorre do contexto histórico da Educação Física escolar, que, como apontam Devidé (2017), Daolio (2010) e outros autores, tem sido frequentemente marcada pela reprodução de práticas excludentes, permeadas por sexismo, machismo e outras formas de desigualdade. Essa tradição reforçou, por longos períodos, uma visão padronizadora dos corpos, naturalizando a exclusão de sujeitos considerados fora dos padrões hegemônicos de desempenho físico ou identidade de gênero.

No conteúdo “esporte”, essa herança se manifesta, muitas vezes, na concepção de que a prática esportiva se resume à repetição de movimentos, regras e competições dos esportes tradicionais e de rendimento. Tal entendimento limita as dimensões sociais,



culturais e educativas do fenômeno esportivo, reduzindo seu potencial transformador enquanto manifestação cultural profundamente enraizada na sociedade brasileira.

A discussão sobre discriminação e preconceito, portanto, torna-se central. É imprescindível que as práticas pedagógicas e as pesquisas estejam comprometidas com o movimento de desconstrução dessas estruturas excludentes nos ambientes educacionais. Cabe, assim, questionar em que medida a valorização do esporte no currículo contribui para a promoção da diversidade e da equidade. Afinal, mesmo o esporte de alto rendimento ainda é palco recorrente de intolerância e reprodução de preconceitos, visíveis em comportamentos de torcidas, atletas, treinadores e dirigentes, que muitas vezes resistem à aceitação das diferenças.

Entretanto, como destaca Daolio (2010, p. 92), os espaços educativos ainda enfrentam dificuldades para lidar com a diversidade: “sabe-se que o contexto da escola quase sempre limita a experiência da diversidade. Historicamente, a escola é palco de padronizações, impostas a partir de visões unitárias de mundo e de ser humano [...]”. O esporte, inserido nesse contexto, também carrega esse legado de padronizações, frequentemente selecionando os considerados “aptos” e excluindo os “inaptos” para a prática, sobretudo quando voltado ao rendimento e à performance.

Dessa forma, investigar experiências pedagógicas que buscam romper com essas lógicas excludentes — como as desenvolvidas pela Fundação Gol de Letra — torna-se essencial para repensar o papel do esporte na formação humana, na educação e na construção de uma sociedade mais justa e plural.

METODOLOGIA

Este artigo apresenta uma pesquisa de natureza qualitativa, desenvolvida a partir de um estudo de caso realizado em um projeto social da Fundação Gol de Letra. De acordo com Lüdke (1986, p. 17), o estudo de caso configura-se como uma abordagem metodológica adequada quando se pretende investigar um fenômeno singular, dotado de relevância e valor intrínseco, permitindo uma compreensão aprofundada de suas particularidades e contextos.

A pesquisa foi conduzida ao longo do ano de 2024 e concluída em 2025, tendo como foco a análise das práticas pedagógicas desenvolvidas nos programas educacionais da Fundação Gol de Letra, para crianças e adolescentes de quatro a dezoito anos. O estudo buscou compreender de que maneira os métodos e técnicas empregados nas atividades



esportivas contribuem para o enfrentamento das desigualdades sociais, com ênfase nas temáticas antirracistas e nas questões de gênero.

O processo investigativo envolveu a observação sistemática das atividades pedagógicas, a análise de registros institucionais e a realização de diálogos com os profissionais responsáveis pela execução dos projetos. Essa triangulação de fontes possibilitou uma interpretação mais consistente sobre as ações da instituição e seus desdobramentos no campo educacional e social.

A escolha pelo estudo de caso justifica-se pela possibilidade de examinar a experiência da Fundação Gol de Letra em sua complexidade, valorizando o contexto local e as especificidades das práticas pedagógicas adotadas. Assim, o objetivo metodológico central foi compreender os sentidos atribuídos ao esporte enquanto instrumento educativo e de transformação social, considerando as dimensões culturais, políticas e comunitárias envolvidas nas ações da Fundação.

REFERENCIAL TEÓRICO

O conceito que fundamenta a discussão das atividades pedagógicas analisadas neste estudo é o da Educação Física Cultural, proposta por Neira (2016, 2018), que orienta toda a perspectiva teórico-metodológica adotada. Essa abordagem compreende o currículo como um espaço de produção de significados, no qual as práticas corporais são reconhecidas como expressões culturais e não como meras execuções técnicas.

Conforme defendem Nunes e Neira (2017), o currículo cultural da Educação Física realiza a leitura da gestualidade presente nas práticas corporais sem qualquer julgamento de valor. Essa perspectiva rompe com o paradigma tradicional, que historicamente associou a Educação Física à busca pelo melhor desempenho, à saúde ou à execução motora “correta”. No currículo cultural, brincadeiras, danças, ginásticas, lutas e esportes são entendidos como textos da cultura, por meio dos quais sujeitos expressam sentimentos, ideias e valores marcados por relações de classe, etnia, gênero, religião e geração (Nunes & Neira, 2017, p. 466).

Nesse sentido, o esporte enquanto conteúdo educacional — seja nas aulas de Educação Física, seja em oficinas esportivas — deve ser tematizado de modo a valorizar práticas democráticas e inclusivas. Nunes e Neira (2017) reforçam que o trabalho pedagógico não deve priorizar o rendimento ou a performance, mas sim promover experiências corporais que estimulem a diversidade e a pluralidade de saberes. Os



princípios pedagógicos da Educação Física Cultural, portanto, buscam romper com privilégios historicamente estabelecidos, questionando a hegemonia de práticas corporais elitizadas e a perpetuação de uma visão monocultural de mundo (Nunes & Neira, 2017, p. 471).

Essa concepção encontra ressonância em autores que discutem a desigualdade e a marginalização dos corpos não hegemônicos nos espaços escolares e esportivos. Corpos femininos, negros e LGBTQIA+ continuam sendo alvos de processos de minorização e exclusão social, mesmo não representando minorias numéricas. Como destacam Auad e Corsino (2018), a invisibilidade e as dificuldades enfrentadas por mulheres e pessoas negras se manifestam tanto nas práticas da cultura corporal quanto na produção acadêmica, revelando as barreiras que persistem nas abordagens pedagógicas não hegemônicas.

O debate sobre essas desigualdades é ampliado quando incorporamos a noção de interseccionalidade, proposta por Patricia Hill Collins e discutida no Brasil por Akotirene (2019). A autora compreende a interseccionalidade como um “sistema de opressões interligadas”, que permite entender como gênero, raça e classe se articulam na produção e manutenção das desigualdades sociais. Essa perspectiva é essencial para analisar o modo como as práticas esportivas e educativas são atravessadas por privilégios e exclusões historicamente naturalizados.

Ainda assim, como ressalta Brito (2015), é possível construir caminhos pedagógicos equitativos e democráticos, desde que haja disposição em “desestabilizar, desconstruir e dissolver certezas e verdades ainda tidas como hegemônicas” (Brito, 2015, p. 88). Nesse sentido, a Educação Física pode e deve ser compreendida como um espaço de resistência e transformação, capaz de questionar padrões cristalizados e propor novas formas de viver o corpo e o movimento.

As reflexões de Gonzalez (2020) reforçam essa necessidade de ruptura ao destacar que as ideologias adotadas nas instituições escolares contribuem para perpetuar um ideal de homem branco e burguês como modelo a ser seguido, enquanto desvalorizam a figura da mulher negra e pobre. Essa hierarquização simbólica produz efeitos profundos de rejeição, vergonha e perda de identidade, sobretudo entre meninas negras (Gonzalez, 2020, p. 145).

Diante desse cenário, torna-se imprescindível que o campo da Educação Física — tanto nas escolas quanto nos projetos sociais — esteja comprometido com a implementação efetiva das Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08, que tratam da



obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena. Como apontam Auad e Corsino (2018), essas legislações representam instrumentos fundamentais para a construção de práticas educativas antirracistas, devendo também orientar as competições e eventos esportivos.

Assim, o referencial teórico deste estudo articula as contribuições de Neira, Nunes, Auad, Corsino, Akotirene, Brito e Gonzalez para compreender o esporte como espaço de disputa simbólica, de produção de identidades e de transformação social. Essa base teórica sustenta a análise das práticas pedagógicas da Fundação Gol de Letra, buscando identificar em que medida elas dialogam com uma Educação Física Cultural, inclusiva e comprometida com a justiça social.

A partir dessas bases conceituais, a próxima seção apresenta a análise das práticas pedagógicas observadas na Fundação Gol de Letra, destacando como os princípios da Educação Física Cultural se materializam nas atividades esportivas e contribuem para a promoção da equidade, do respeito e da diversidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das atividades pedagógicas esportivas desenvolvidas pela Fundação Gol de Letra em 2024 evidencia que os princípios da Educação Física Cultural (Neira, 2016, 2018) estão efetivamente incorporados às práticas educativas. Observou-se que as aulas, oficinas e festivais esportivos não se restringem à repetição de movimentos ou à busca pelo rendimento, mas se configuram como espaços de construção de valores sociais, diálogo e respeito à diversidade.

Conforme Nunes e Neira (2017), ao tratar o esporte como um texto cultural, os educadores conseguem criar oportunidades para que crianças e jovens expressem sentimentos, ideias e valores por meio do movimento. Esse enfoque foi perceptível em atividades em que as regras e os jogos foram adaptados para incluir diferentes níveis de habilidade, rompendo com a lógica competitiva tradicional e promovendo práticas democráticas e inclusivas. Tais estratégias demonstram uma tentativa clara de combater os privilégios historicamente associados às práticas corporais hegemônicas, abrindo espaço para saberes oriundos de diferentes setores sociais (Nunes & Neira, 2017, p. 471).

Contudo, como destacam Altmann (2015), Tubino (2011) e Neira (2018), a trajetória histórica da Educação Física e do esporte revela que essas práticas foram, por



muito tempo, instrumentos de exclusão e desigualdade, negando a participação plena de diferentes grupos sociais. Tubino (2011, p. 44-45) alerta para os efeitos negativos do esporte quando tratado apenas como reprodução do rendimento esportivo: a) reprodução compulsória do esporte-performance; b) violências do esporte-performance; c) discriminação contra a mulher; d) uso ideológico-político; e) lógica mercantilista. Essa perspectiva evidencia que a mera prática esportiva, sem reflexão crítica, pode reforçar opressões e desigualdades.

Nesse sentido, a Fundação Gol de Letra se destaca por tematizar o esporte de forma cultural e inclusiva, evitando que o movimento e o corpo sejam tratados apenas como mercadoria ou instrumento de competição. Conforme Auad e Corsino (2018, p. 6), a falta de uma perspectiva cultural e inclusiva pode transformar o esporte em business e o corpo em produto, reforçando privilégios históricos. Ao contrário, as práticas da Fundação buscam promover experiências corporais significativas e equitativas, valorizando a diversidade e a participação de todos.

A análise também revela que as atividades enfrentam desafios relacionados à interseccionalidade das opressões. Corpos femininos, negros e LGBTQIA+, frequentemente minorizados em espaços esportivos e escolares, foram tratados de forma valorizadora, com atenção às especificidades de cada grupo (Auad & Corsino, 2018; Akotirene, 2019). A perspectiva interseccional permite compreender como racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado se articulam para estruturar desigualdades, indicando quais sujeitos são historicamente marginalizados (Akotirene, 2019, p. 29). Nas oficinas da Fundação Gol de Letra, dinâmicas de grupo e jogos coletivos reforçaram a cooperação, o reconhecimento das diferenças e o protagonismo de participantes que, historicamente, tiveram acesso limitado às práticas corporais.

Outro aspecto relevante foi a preocupação com representatividade e visibilidade, especialmente em atividades voltadas para meninas negras e jovens de contextos marginalizados. Gonzalez (2020) destaca que, em ambientes escolares, a naturalização de ideais centrados no homem branco e burguês provoca rejeição e perda de identidade entre grupos historicamente discriminados. Nas atividades analisadas, essa questão foi enfrentada de maneira consciente, com jogos e festivais que incorporaram narrativas culturais diversas, promovendo reconhecimento da pluralidade e combatendo estereótipos de gênero e raça.



O cumprimento das Leis nº 10.639/03 e 11.645/08, que orientam o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena, foi observado como parte integrante das práticas esportivas. Como ressaltam Auad e Corsino (2018, p. 10), a Educação Física no eixo educacional pode atuar como espaço de educação para a democracia, considerando coletivamente as individualidades e especificidades de cada aluno, sem reproduzir opressões como racismo, sexismo e lesbo-homo-transfobia.

Em síntese, os resultados indicam que as práticas pedagógicas da Fundação Gol de Letra exemplificam a aplicação efetiva de uma Educação Física cultural, inclusiva e crítica, capaz de questionar estruturas sociais hegemônicas e promover a cidadania. As atividades esportivas deixam de ser apenas exercícios físicos ou competições e passam a constituir espaços de transformação social, em que a diversidade, o respeito e a equidade são valores centrais.

Essas observações confirmam que, quando orientadas por princípios pedagógicos conscientes e por uma perspectiva interseccional, as práticas esportivas podem romper com padrões históricos de exclusão e opressão, oferecendo experiências de aprendizado corporal que fortalecem vínculos comunitários, valorizam a pluralidade cultural e contribuem para a formação integral de crianças e jovens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo evidencia que a Educação Física, quando pautada na Educação Física Cultural e em princípios interseccionais, pode ser um instrumento poderoso de inclusão social e educação para a democracia. As atividades esportivas desenvolvidas pela Fundação Gol de Letra mostram que o esporte vai além da performance: ele se torna espaço de expressão cultural, fortalecimento de vínculos comunitários e valorização da pluralidade.

Ao tematizar o esporte de forma crítica, inclusiva e cultural, a Fundação contribui para desestabilizar padrões hegemônicos historicamente associados à Educação Física e ao esporte. A abordagem adotada promove visibilidade e protagonismo de sujeitos tradicionalmente marginalizados, combatendo desigualdades de gênero, raça e orientação sexual.



Em termos educativos, os resultados indicam que experiências esportivas bem planejadas podem desconstruir opressões, fortalecer a autoestima e criar um ambiente educacional mais democrático e inclusivo. Assim, o esporte se caracteriza como ferramenta de transformação social, capaz de contribuir para a formação integral de crianças e jovens em contextos de vulnerabilidade.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo, SP: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 152 p. ISBN 978-85-98349-69-5.

AUAD, Daniela; CORSINO, Luciano. Feminismos, interseccionalidades e consubstancialidades na Educação Física Escolar. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 1, e42585, 2018. DOI: 10.1590/1806-9584.2018v26n142585. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/PhXvvnvjSpRwf6vnmRskBmVD/> Acesso em: 21 mai. 2024.

BRITO, Leandro Teófilo de. GÊNERO NO ESPAÇO ESCOLAR: NORMATIZAÇÕES E DESLOCAMENTOS COTIDIANOS. **Caderno Espaço Feminino**, [S. l.], v. 28, n. 1, 2015. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/29708>. Acesso em: 28 maio. 2023.

DEVIDE, Fabiano Pries. **Estudo de gênero na educação física e no esporte**. 1. Ed. Curitiba: Appris, 2017

DAOLIO, Jocimar (org.). **Educação Física escolar: olhares a partir da cultura/ Gepefic** – Grupo de Estudo e Pesquisa Educação Física e Cultura; Coordenador Jocimar Daolio. – Campinas, SP: Autores Associados, 2010. – (Coleção Educação Física e Esportes).

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos**. Rio Janeiro: Zahar, 2020. 375 pp.

LÜDKE Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

NEIRA, Marcos Garcia. Educação física cultural: carta de navegação. **Arquivos em Movimento**, v. 12, n. 2, p. 82-103, 2016. Tradução. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/11149>. Acesso em: 27 ago. 2024.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari (orgs). **Educação Física Cultural: por uma pedagogia da(s) diferença(s)**. Curitiba: CRV, 2016.

NEIRA, Marcos Garcia. **Educação Física Cultural: inspiração e práticas pedagógicas** – 1. Ed. – Jundiaí [SP]: Paco, 2018.



NUNES, Hugo César Bueno; NEIRA, Marcos Garcia. A diferença no currículo cultural: por uma Educação (Física) menor. **Práxis Educativa**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 464–480, 2017. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.12i2.0010. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/8804>. Acesso em: 30 maio. 2024.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Dimensões sociais do esporte**. 3 ed. São Paulo, SP. Cortez, 2011.

